

## **A Viagem e a História: por uma nova aprendizagem**

Janete Flor de Maio Fonseca<sup>1</sup>

**Resumo:** Pretendemos na apresentação deste trabalho abrir um espaço para a reflexão da viagem como um eficiente instrumento de educação e de ensino da História. Observamos que na realização das viagens coordenadas exista mais do que apenas uma transposição didática dos conteúdos históricos, e sim a problematização, por professores e alunos, de temas como a preservação do patrimônio cultural, as diversas produções materiais e simbólicas dos homens no tempo, as diferentes intervenções humanas na natureza tanto no que concerne a sua degradação quanto preservação, os usos sociais da memória, as organizações sociais e urbanísticas, entre outros.

**Palavra-chave:** Viagem – História – Educação.

**Abstract:** We want the presentation of this work open a space for reflection the trip as an efficient instrument of education and education of history. We observed that in carrying out travel details there more than just implementing a teaching of historical content, so the questioning by teachers and pupils, the preservation themes of cultural heritage, the various production materials and symbolic of the men in time, different human intervention in nature both in terms of its degradation for preservation, the social uses of memory, social organizations and urban, among others.

**Key Words:** Travel – History – Education

Este trabalho é uma reflexão parcial do projeto de pesquisa “A Viagem e a Formação do Professor” desenvolvido no Centro Universitário de Sete Lagoas - UNIFEMM - e que aborda a importância das visitas coordenadas<sup>2</sup> na formação dos futuros educadores. O projeto nasceu da observação de que nos diversos cursos de licenciatura desta instituição ocorreu, nos últimos nove anos, uma crescente demanda por visitas coordenadas e uma diversificação da oferta de destinos a serem visitados. Nesse momento concentraremos nossas observações na importância das visitas coordenadas para os alunos do curso de licenciatura em História, no período de 1999 a 2008.

Foi em 1999 que o curso de Licenciatura Plena em História do UNIFEMM inaugurou, já com sua primeira turma, a viagem como uma prática pedagógica na formação de seus

---

<sup>1</sup> Janete Flor de Maio Fonseca, doutora em História Social da Cultura pela UFMG. Atualmente trabalha no UNIFEMM /Sete Lagoas e UNA /Belo Horizonte. Email: [flormaio@oi.com.br](mailto:flormaio@oi.com.br)

<sup>2</sup> Chamamos de visitas coordenadas aquelas realizadas fora do ambiente escolar, e em especial fora do município sede do UNIFEMM. Caracterizam-se por possuírem roteiro e atividades ligadas ao conteúdo dos cursos de formação de professores, além de se realizarem sob a orientação de um professor do curso.

alunos. A visita foi à cidade de Petrópolis, e naquele momento somou o desejo dos alunos de viajar para além do município de Sete Lagoas, e dos professores de Introdução a História e História do Brasil Império - respectivamente Prof. Frederico Antônio do Amaral e Prof<sup>a</sup>. Janete Flor de Maio Fonseca -, em desenvolver melhor os conteúdos já trabalhados em sala de aula. Todavia, o processo de realização da visita coordenada, cujo cronograma de atividades foi previamente estabelecido, surpreendeu a todos. Rapidamente percebemos que a viagem não se apresentaria como um mero espaço de transposição didática, mas sim, de construção de conhecimento, vivências e novas metodologias de ensino para a História.

O cronograma de atividades criado para a visita levava em consideração os principais atrativos da cidade de Petrópolis com destaque para a visita monitorada ao Museu Imperial. Entretanto, o conjunto de atividades e vivências não programadas no roteiro possibilitou uma ampliação dos temas a serem debatidos durante a viagem para além dos conceitos históricos predeterminados. Ao iniciarmos a visita nós professores estabelecemos que discutiríamos a importância do Museu, a preservação do patrimônio arquitetônico da cidade, o discurso médico higienizador do século XIX, além do processo civilizador compartilhado pelas elites oitocentistas do período. Todavia, novos temas se somaram como circularidade cultural, educação patrimonial, identidade cultural, tradição e modernidade, história das cidades, meio ambiente, sociabilidades, etc. A experiência da viagem não se restringiu a contribuir apenas no desenvolvimento dos conteúdos ministrados pelos professores coordenadores da visita. Em todos os demais conteúdos se estabeleceram relações, e surgiram novas propostas de viagens e atividades a se realizarem durante as mesmas. Ao mesmo tempo a experiência da viagem promoveu uma nova identidade também entre o grupo docente e discente do curso de História, proporcionando melhorias nas relações cotidianas em sala, em especial a ampliação do diálogo e da interatividade.

Percebemos que por mais que os alunos estivessem conduzidos por um roteiro cujas prioridades eram os atrativos histórico-turísticos de Petrópolis, estes, no exercício de descobrir-conhecer a cidade, foram construindo um roteiro próprio, que se estabelecia na vivência com o urbano, seus moradores, seu trânsito, e ainda com os próprios companheiros de viagem. Este roteiro vivencial construiu competências inesperadas entre os alunos, tais como autonomia, responsabilidade, capacidade de liderar, concentração, investigação, observação da diversidade cultural existente, o alargamento da visão de patrimônio, trabalho em equipe, além do senso de localização e descoberta dos lugares “não atrativos”, mas também repletos de significados para a cidade e seus habitantes. Ao final, podemos dizer que saímos de Petrópolis repletos de roteiros alternativos, além de temas e problemas a explorar

nas próximas viagens. E o principal, os docentes e os discentes não mais confundiram as visitas coordenadas com uma mera excursão descompromissada. Divertimos e aprendemos muito.

Nos anos que se seguiram pelo menos duas viagens se realizariam dentro do cronograma do curso de História. No primeiro semestre uma viagem dentro do território mineiro, em especial Ouro Preto, Sabará e ou a Serra do Caraça. Nessas procurávamos explorar temas como as Minas Coloniais, o Barroco Mineiro, a sociedade setecentista, a formação das cidades mineiras, a gastronomia, as técnicas de mineração, etc. Em outro momento saíamos de Minas Gerais incluindo grandes cidades como São Paulo e o Rio de Janeiro onde explorávamos os conceitos de identidade e identidade nacional, modernização, industrialização, diversidade cultural, etc. A cada viagem as expectativas se ampliavam, e nosso olhar também se aguçava tentando compreender como esta atividade fora do espaço escolar atraía cada vez mais alunos e resultava numa mudança importante em relação aos conteúdos da formação geral dos professores, tanto quanto nos conteúdos específicos que tratavam da prática do ensino de história. Percebemos muito claramente que a viagem se transformava num elemento importante para o ensino da história, principalmente porque lidava como a interdisciplinaridade, inexorável a prática da viagem, de forma clara e simples, além de promover um olhar apurado do observador-viajante. Para melhor entendermos isso é necessário compreendermos o que é a viagem como uma prática cultural importante em nossas vidas e como ela pode potencializar a formação dos futuros professores de História.

## **I - Viajar é...**

Viajar é colocar-se em movimento, deslocar-se, distanciar-se. Ao partirmos em viagem, colocamo-nos diante de limites a serem ultrapassados, de lugares a serem conhecidos, de experiências a serem vivenciadas. Todo este deslocamento e as vivências nele estabelecidas transformam o sujeito, assim, quem viaja jamais retorna o mesmo. As transformações do indivíduo ocorrem entre o momento de partida e o retorno, do início ao fim da experiência da travessia dos limites geográficos e imaginários que compõem a experiência da viagem. No caso das visitas coordenadas as viagens ainda se apresentam como uma possibilidade de nos encontrarmos com cenários em que a História foi vivenciada, o que por si só já representam uma sensação emocionante para o ensino da História. Vários estudantes se apresentavam mais concentrados quando se encontravam nesses lugares. Explorávamos isso, sugerindo que ficassem em silêncio e buscassem lembrar-se dos acontecimentos que ali ocorreram. Alguns

lugares como a Cinelândia, no centro do Rio de Janeiro, abrigaram tantos acontecimentos importantes para a História do Brasil que as lembranças destes emocionaram de formas variadas os futuros professores. Alguns se emocionaram pelas lutas estudantis, na época da Ditadura Militar, outros a alegria dos desfiles da Seleção Brasileira de Futebol em retorno de novas conquistas, e ainda aqueles que apenas buscaram os antigos sons de carruagens se deslocando. O importante também era ouvir os sons contemporâneos numa tentativa de conhecer melhor a cidade e seus moradores.

Se toda viagem destina-se a ultrapassar fronteiras (PIMENTEL, 1998), também durante sua realização, no contato com outras culturas, elas se ressaltam. O viajante, diante do outro — o diferente, o nativo — se depara com a evidência de sua própria identidade estrangeira (LEITE, 1996). Nesse momento, instrumentaliza-se o recurso comparativo, divergindo e aproximando a realidade do visitante daquelas então encontradas. Afirmam-se as fronteiras, diferem-se as culturas, estabelecem-se os encontros culturais, promovendo um aprendizado sobre si e o outro. Nesse momento é importante treinar o olhar, perceber elementos que rotineiramente não percebemos. As fachadas dos edifícios, as casas de cada rua, os anúncios, as calçadas, os transeuntes, os diversos sons que compõem a melodia dos lugares visitados. Procuramos assim, desenvolver a possibilidade de reconhecerem que ali se encontravam diversos elementos do patrimônio cultural daquela comunidade, muitas vezes bastante diferente do nosso, e é essencial para conhecermos melhor essa cidade, observá-la com um estrangeiro, pois assim, comparando-a com a nossa, construímos o conhecimento sobre as duas.

Segundo Sérgio Cardoso (1988), isso acontece porque durante a viagem nos comportaríamos como sujeitos ativos cujo olhar exercita a atitude de “ver o novo” tanto quanto “ver de novo”. Aderimos ao movimento de comparação separando o que reconhecemos do que é novidade. Assim:

“O olhar não descansa sobre a paisagem contínua de um espaço articulado, mas se enreda nos interstícios de extensões descontínuas, desconcertadas pelo estranhamento. Aqui o olho defronta constantemente limites, lacunas, divisões e alteridade, conforma-se a um espaço aberto, fragmentado e lacerado”. (CARDOSO, 1988, p.349).

Durante a viagem, nosso olhar estaria atento a tudo que o entorno nos oferece, diferente de seu comportamento durante a rotina cotidiana. No dia-a-dia, abrimos mão de “olhar bem”, pois estamos presos a outros interesses imediatos, como o cumprimento de horários, a pressa em chegar logo, o desejo de realizar todas as tarefas. Em viagem — principalmente as de

visitação —, sempre nos predispomos a “olhar melhor”, observando a paisagem que passa, nem que seja para garantir uma identificação visual de onde estamos. Os lugares pelos quais passamos são mapeados pelo olhar que instantaneamente seleciona os pontos conhecidos como lojas, hospitais e restaurantes; os que já sabíamos existir por meio de informações prévias vindas da literatura, da história, da televisão ou do cinema; e os surpreendentes, aqueles pontos singulares que se destacam no caótico conjunto observado. Por isso é importante não engessar a viagem num roteiro prévio. Ao Caminhar aleatoriamente pelo centro histórico de São Paulo no inverno de 2004 descobrimos inúmeras informações sobre o funcionamento da cidade e a diversidade cultural de sua população. Nesse momento utilizamos poemas e músicas que narravam o viver naquela cidade, abrindo espaço também para que novos espaços fossem descobertos, explorados e incorporados ao nosso aprendizado. Os personagens urbanos também foram se apresentando durante nosso percurso. Os vendedores ambulantes, os artistas de rua, os sem teto, os trabalhadores apressados, os policiais, etc.

O olhar viajante exercita assim a alteridade, alternando obviedade, estranhamento e surpresa diante de lugares, atores, imagens, gestos, rituais e sensações tão estranhos e/ou familiares. A viagem pode ser observada assim como uma prática cultural capaz de gerar, durante sua realização, relações múltiplas, encontros culturais diversos, movimentos de conhecimento e autoconhecimento. Viajar promoveria uma compreensão maior de como poderia ser a vida sem as restrições do trabalho e da luta pela sobrevivência (BOTTON, 2003).

Pensar a viagem nos remete à reflexão sobre o papel desempenhado por quem viaja, pois será ele o sujeito a transpor espaços e defrontar-se com o outro. Segundo Luciana Martins (2001), o viajante seria sempre o estrangeiro negociando suas diferenças culturais. No seu encontro com o outro, estabeleceria descrições das diversas realidades culturais encontradas, mas também construiria sua própria identidade “através da oscilação dos estados subjetivos que eles impõem ao mundo e o mundo impõe a eles” (MARTINS, 2001,p.36). Nesse processo, suas referências pessoais e sociais se deslocariam, permitindo ao mesmo conhecer, re-conhecer, construir e desconstruir lugares (RESENDE, 2005). Assim, não seria apenas o olhar sobre a paisagem e as culturas visitadas que se transformariam durante a realização da viagem, mas, durante o deslocamento o viajante vivenciaria também uma transformação através de sua própria experiência e do estabelecimento de relações com a cultura local. Ocorreria paralelamente ao movimento da viagem um deslocamento da percepção não apenas do outro como do próprio eu dos viajantes. E isso pode ser observado

no próprio depoimento colhido entre aqueles estudantes que realizaram as visitas coordenadas. Inúmeros são os testemunhos daqueles que viram nas viagens a possibilidade de ultrapassar os limites de sua cidade e ampliar não apenas seus conhecimentos sobre a história, a geografia, a política, ou a relação teoria e prática, mas, também destacavam a experiência, muitas vezes a primeira, de entrar num museu, conhecer uma pinacoteca, andar de metrô, ver uma exposição, ver o mar. E foram tantas visitas, como a exposição “Picasso na Oca” em (2004), as Bienais de Arte de São Paulo (2003, 2005 e 2007), ao Museu de Petrópolis (1999 a 2008), ao Museu da República (2005), ao Museu da Inconfidência (2002, 2004, 2005, 2007), entre outras. E em cada delas, a experiência do contato com o novo nos parece ser o maior patrimônio adquirido.

Uma vez que viajar não é para todos (CARDOSO, 1988), o sujeito-viajante será aquele capaz de experimentar o estranhamento de estar diante das fronteiras, fora de seu lugar. Mais do que uma realidade geográfica, o que encontramos nesta reflexão sobre a viagem e seu sujeito, o viajante, é a percepção de uma transformação que o faz amadurecer na vivência e no conhecimento produzidos durante seu deslocamento. O indivíduo-viajante se faz assim no exercício de sua subjetividade (NITRINI, 1998), uma vez que a experiência da viagem lhe permite o contato com outros homens, outras culturas e ao mesmo tempo em que lhe coloca diante de obstáculos a serem superados em pouco tempo. Por ter o viajante que tomar decisões rápidas diante de qualquer dificuldade o fará como indivíduo cuja subjetividade responde a urgência da situação. Esta subjetividade também estaria presente nas escolhas realizadas para o caminho a percorrer, os lugares a visitar, que fotos tirar e quais observações registrar. Nenhum roteiro prévio conseguiria limitar esse olhar do viajante.

Como o viajante escolhe o que irá observar, este olhar será sempre fragmentado, pois estará focado em atrativos que foram conscientemente selecionados. Nesse processo de escolhas, o viajante vai construindo um roteiro sentimental e intelectual próprio, do qual produzirá seu conhecimento sobre a viagem. Compreendemos o viajante como um sujeito sócio-cultural capaz de, na prática cultural da viagem, estabelecer um aprendizado por ele mesmo planejado e desenvolvido, seja na compreensão do espaço que visita ou — e a partir deste — na reflexão sobre seu próprio lugar de origem. Construiria assim uma autonomia na aprendizagem<sup>3</sup>. O sujeito-viajante refletiria sobre seu lugar ao encontrar-se longe, em outras

---

<sup>3</sup> Autonomia da aprendizagem é defendida por Paulo Freire como a capacidade de cada um de nós nos tornarmos sujeitos do nosso processo de aprendizagem, estabelecendo assim uma educação libertadora. Ver **FREIRE, Paulo** **Pedagogia da Autonomia: Saberes Necessários à Prática Educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. 165 páginas.

terras, como estrangeiro. E esse olhar estrangeiro é importantíssimo para o ensino da História. Ao estudarmos o passado nos comportamentos como estrangeiros no tempo que observam as sociedades distantes, procuram compreendê-las sem julgá-las, aprendendo com aquilo que as tornam tão diferentes e tão parecidas conosco.

No processo de experimentar os códigos culturais de outros povos, o viajante moderno estabelece pela viagem uma atividade intelectual capaz de levá-lo a acumular e produzir conhecimento, característica que também é importante para diferenciá-lo do turista comum; este se define como aquele que apenas vê passivamente os atrativos mais conhecidos de cada local visitado, não estabelecendo com estes ou quaisquer outros necessariamente um aprendizado. Nesse sentido devemos destacar o papel que o turismo pedagógico como parceiro nesse processo de viajar pela história.

### **História e Turismo Pedagógico**

Segundo José Newton Coelho de Meneses (2004) o turismo cultural seria uma prática na qual promoveríamos “o uso cultural da cultura” ou seja, mais do que a busca pelos atrativos históricos aprenderíamos com a cultura local, na observação dos hábitos, costumes e rituais de seus moradores, num claro movimento de valorização da identidade. Esse tipo de turismo em nada se limitaria a um consumo desenfreado de paisagens e produtos turísticos sem nenhum aprendizado. Esse sem dúvida seria o oposto do pressuposto de uma visita coordenada que se baseia em conhecer e aprender. O lazer não se afasta do rol de nossas preocupações. A busca por novos espaços educativos, não formais, visa justamente associar lazer e conhecimento. Valorizarmos nestes a possibilidade de construção junto aos alunos de uma postura mais criativa e autônoma, prática importante a ser aplicada por estes quando educadores. Ao mesmo tempo ao sairmos da sala de aula, e da escola, nos deparamos com novas linguagens e ferramentas de ensino, que deverão ser estudadas e para elas construídas metodologias para ensinar história. Faz-se necessário realizar o tão desejado diálogo escola e comunidade.

Mas para que isso se realize é necessário que a visita não se transforme em uma repetição de práticas tradicionais nas quais os estudantes se comportam como passivos diante da paisagem visitada. Não basta ver, anotar e elaborar um relatório. A imersão é não apenas necessária, mas salutar. Nesse sentido o turismo pedagógico é um grande parceiro da história. Pois não podemos acreditar que só na nossa atuação in loco, associando ou sistematizando conteúdos, construímos as competências para os futuros professores. A organização de toda a visita coordenada também é importantíssima para a sua aprendizagem profissional. Toda a

logística que envolve o turismo, lidando com os serviços necessários a viagem, como fretamento de ônibus, reserva de hotel, agendamento de visitas, solicitação de autorizações, negociações com restaurantes para descontos, etc., contribuem para preparar os educadores para a coordenação de suas próprias visitas. Portanto valorizamos a participação docente em todas as etapas da viagem. E a experiência do turismo tem muito mais a colaborar nessa parceria. A atividade turística também se caracteriza por uma prática pedagógica, e esta é estrito senso multidisciplinar, o que se apresenta como um dos grandes desafios para o desenvolvimento da educação.

O turismo cada vez mais tem se comprometido com questões educativas. A visitação é antes de tudo uma prática cultural que promove aprendizado, através do intercâmbio. Nesse sentido o diálogo com os lugares visitados une História e Turismo. O turismo pedagógico também nos ensina que não devemos nos iludir com o planejamento, mas estarmos preparados para tomarmos a iniciativa na superação do roteiro, na inviabilidade de uma visita, diante das incertezas da atividade em campo. Nesse sentido superamos a regra geral que nos diz que a visita coordenada é uma revisão do conhecimento histórico adquirido em sala de aula. Durante as viagens prevalece, a necessidade de investigação sistemática do lugar visitado pelo conjunto formado por professores e alunos.

Tradicionalmente os historiadores renegaram o papel cultural do turismo, em especial ao turismo de massa. A prática de um turismo educativo, durante as visitas coordenadas, pode reunir duas pontas aparentemente irreconciliáveis. História e turismo promovendo a construção de conhecimento. Não é preciso dizer que a consequência desta atitude pode ser sem dúvida o crescimento de atividades educativas e de preservação do patrimônio cultural, assim como, uma postura para o ensino de história que promova cada vez mais a reflexão, a interatividade, a cooperação e o diálogo. Esperamos que a experiência das visitas coordenadas, vivenciadas pelos estudantes do curso de Licenciatura Plena em História do UNIFEMM possam se reproduzir em práticas educativas dos futuros educadores. E que o gosto pela viagem e pela história os leve longe.

## **Bibliografia**

BOTTON, Alan. A Arte de Viajar. Rio de Janeiro: Rocco, 2003.

BOURDIEU, Pierre. A economia das trocas simbólicas. São Paulo: Perspectiva, 1974. 361p.

CABRINI, Conceição. et alii. O Ensino de História: revisão urgente. 3ª edição, São Paulo, Editora Brasiliense, 1987.

CARDOSO, Sérgio. O Olhar do Viajante. (do etnólogo). In: NOVAIS, Adauto. (Org.) O Olhar. São Paulo: Cia das Letras, 1988. p.347-360.

CARRETERO, Mário. Ensino da História e Memória Coletiva. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FILHO, Ari da Silva Fonseca. Educação e Turismo: reflexões para a elaboração de uma educação turística. Revista Brasileira de Pesquisa em Turismo. Vol. 1. , n. 1, pg. 5-53, setembro de 2007.

MENESES, José Newton Coelho de. História & Turismo Cultural. BH: Autêntica, 2004.

OLIVEIRA, Christian Dennys Monteiro de. Do estudo do meio ao turismo geoeducativo: renovando as práticas pedagógicas em geografia. In: Boletim Goiano de Geografia. Vol. 26, n. 1, Janeiro-Junho/2006. UFG – Instituto de Estudos Sócio-ambientais.

PIMENTEL, Thaís Velloso Cougo. De viagens e narrativa: viajantes brasileiros no além mar (1913-1957). 272 pg. Tese (Doutorado em História Social) - FFLCH/USP, São Paulo, 1998.

LEITE, Miriam Lifchitz Moreira. Livros de Viagem. 1803/1900. Rio de Janeiro: Editora da UFRJ, 1997.

NITRINI, Sandra. Viagens Reais e Viagens Literárias. Escritores Brasileiros na França. Literatura e Sociedade, n.3, p.51-61, 1998.

MARTINS, Luciana de Lima. O Rio de Janeiro dos Viajantes. O olhar britânico (1800-1850). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 2001.

RESENDE, Silvana Gomes. No avesso da cidade moderna: uma escritura feminina. Viagem no Brasil do Século XIX. Dissertação (Mestrado em Teoria da Literatura) -FALE/UFMG, Belo Horizonte, 2005.